

# O Castelovidense

SEMANÁRIO REGIONALISTA, DEFENSOR DO ESTADO NOVO  
SEGUNDA SÉRIE

Redacção e Administração  
RUA DE OLIVENÇA  
CASTELO DE VIDE

Direcção, Edição e Propriedade  
de  
Alexandre Durão Cordeiro

Composição e Impressão  
Tipografia Castelovidense  
Largo João José Le Cocq  
CASTELO DE VIDE



## O CENTENÁRIO DE

# Mousinho DA Silveira

No dia 4 de Abril próximo, completam-se cem anos sobre o passamento de José Xavier Mousinho da Silveira, personalidade de grande relêvo histórico, não dos tempos em que a nação se tornara grande no mundo pelas conquistas, mas do ciclo das conquistas políticas, sociais e económicas, que todas as nações e todos os povos, sob o império duma lei universal, teem de percorrer mais ou menos rápida ou lentamente.

Mousinho da Silveira foi em Portugal instrumento de modificação oferecido pela História às necessidades evolutivas de todas as classes sociais, nomeadamente das que se encontravam mais desprotegidas. Parece que ainda agora há quem não lhe perdoe isto mesmo, ainda que o Reformador haja operado com grande espírito de humanidade e não alheiado das recomendações evangélicas. Na hora em que Mousinho voltava da assinatura de D. Pedro IV, com o decreto já referendado da alforria dos cem habitantes do Córvo, até então presos a um donatário da pequena insula residente numa outra do arquipélago, Garrett, que foi seu secretário e, depois, seu biógrafo, viu-o «a chorar e mais contente do que se trouxera para si um ducado».

Porque — sendo morgado! — exterminara esses focos de desmoralização administrativa da nobreza, ao mesmo tempo que extinguiu tanta iniquidade que permitia viverem uns à custa do esforço de outros, e actuando sem sangue, ao contrário de tantos, ainda hoje aparece quem aponte o estadista à condenação pública. Onde ficam então as homenagens por tantos tantas vezes oferecidas à encíclica *Rerum Novarum*, em que o pontífice

Leão XIII condenou a organização económica da sociedade do seu tempo?

Porque Mousinho se de clarava liberal e se filiara na Maçonaria, não nos parece que tudo isso sejam títulos suficientes para combater um estadista, tão pouco faccioso, que não quiz ligações com partidos e, por sua honestidade pessoal, teve a hombridade de devolver à sua *loja* todas as lindas simbólicas, que para nada serviam ante a sua forte convicção de homem unicamente votado ao bem público. E nas côrtes de 1821-1822 procedeu pelo mesmo modo, recolhendo-se à intimidade de sua casa e família e deixando a declamar para a lua os palavrosos revolucionários de 1820.

Se era liberal, nunca deixou de entender a Liberdade sem sangue, e se fizera parte do elenco das *lojas* em Portalegre e Setúbal, também é certo que não duvidou escrever: — «Dou graças a Deus por ter nascido de pais que trataram de me radicar no amor da verdade e da justiça e no desprêso da vaidade do traje, e de qual quer outro fausto ou affectação, e devo a isto o não ter tido nunca alguma Ordem ou título».

E a seu único filho, a quem tanto queria, aconselhava por escrito, no que que dizia respeito a partidos: — «e has-de concluir que nenhuma facção deve ser adoptada por um homem de bem». — conselho tão oportuno ainda nos próprios dias que vão correndo.

Liberal a seu modo, esquecem uns tantos que Mousinho não duvidou servir com D. João VI, e em governos conciliatórios em que o absolutismo não estava sem representação. Por sua honestidade política e perfeita independên-

cia de carácter, também não faltou com as suas censuras aos excessos comprometedores e aos erros de outros liberais, sempre que para tal encontrou justos motivos.

Mas o estadista e reformador, se no seu tempo e agora também, encontrou opositores à sua obra tão notável, exclusivamente constituída pelos célebres decretos da ilha Terceira, também não viu, nem ainda agora sente mingoa na coorte de admiradores que pelo tempo adiante essa obra suscitou.

E' ver quanto o austero e honrado Herculano, nos *Opúsculos*, proclama de Mousinho da Silveira, «sobre este personagem (diz ele) que não foi nem agitador, nem barão, nem nobre, nem general, nem acadêmico, nem jornalista, e que entretanto haveis considerado como um dos homens mais proeminentes da nossa época, como o mais proeminente talvez do nosso país».

Oliveira Martins, no *Portugal Contemporâneo*, bem facilmente demonstra que a *liberdade* entrevistada pelo reformador não era uma liberdade idealista, como a que empolgara tantos espíritos da época, mas a *liberdade económica*, que permitisse desatogar as classes populares da miséria que as oprimia.

De outros biógrafos de Mousinho, como Rebelo da Silva e o Dr. Possidónio Laranjo Coelho — este talvez o mais valioso pela cópia de informações do seu estudo — a mesma e tão comovida veneração rendida ao preclaro espírito do homem de vida simples, que foi do mesmo passo estadista humanitário.

Mais recentemente, o escritor Henrique de Barros, no seu estudo intitulado *Mousinho da Silveira e a sua*

(Conclui na pág. 4)

## A' Margem da Literatura

LXIV

«Natureza e função da Literatura»

Com este título, publicou J. Gaspar Simões um pequeno ensaio em que procura rebater a doutrina existencialista de Jean-Paul Sartre, com a exigida mestria é certo mas sofrendo-lhe a restrição que se impôs. Além disso, parecemos ser demasiado subtilizante e, se não fosse o receio nato da nossa falta de conhecimento dos princípios de J. P. Sartre, diríamos mesmo, um tanto infundamentado. Como se trata de um mestre de infinitos recursos, terei que limitar-me a fazer-lhe algumas observações, sobretudo ao capítulo referente à *palavra, instrumento da literatura*.

Começando por tratar o conceito de escritor, reporta-se ao da *Presença* e define-o como artista de uma natureza psicológica invulgar, sem contudo particularizar ou indicar directrizes. Entra depois em considerandos relativos à palavra de que o escritor parte para tomar percepção de mundo, ou, por outros termos: do plano abstracto do pensamento para o concreto da escrita. E detine a sua posição, acentuando: «a obra escrita não é, como quer Jean-Paul Sartre, um prolongamento da subjectividade do escritor, mas como que o *aparecimento* ao próprio escritor de uma realidade que ele desconhecia». Que, de facto, a palavra escrita, na sua aplicação insistente, ajuda o escritor a revelar-se, é fora de dúvida mas não nos iludamos que, se o escritor tiver garra para insuflar à palavra, o *valor* que o anime, não se dará o *aparecimento*, mas a tradução directa e mais ou menos justa das suas ideias. O que é um pouco para admirar ainda, é que para G. Simões não há personalidade artística que só se adquire através da expressão. Contudo, Flaubert, segundo a sua afirmação, foi um romancista nato, pelo que

## A família Robison

Há dias, a «Rabeca», em artigo do seu distinto colaborador e nosso amigo Sr. Prof. Casimiro Mourato, noticiava sentidamente a retirada, para Inglaterra, dos últimos representantes da ilustre família Robison. Com igual sentimento e o mesmo espírito de justiça, nos solidarizamos nesse tributo de homenagem.

Estabelecendo-se na cidade e aí montando a sua indústria da cortiça, os Robison não só proporcionaram trabalho certo a tanta gente pobre, como se integraram na sua vida colectiva, fazendo suas também as aspirações dos seus habitantes, a cujas manifestações de jubilo jamais deixaram de se associar.

O falecido George Weehouse Robison, cujo retrato a «Rabeca» deu à estampa na sua primeira página, seguindo as pisadas do patriarca da Família, que foi seu pai, procurou sempre e por todas as formas ser útil a Portalegre, que de facto lhe ficou a dever as melhores demonstrações de simpatia.

Por sua iniciativa se vieram pela primeira vez nesta Região, notáveis manifestações de progresso industrial, entre as quais as primeiras viaturas automoveis que rodaram nas nossas estradas. E por sua resolução e à sua custa, mecânicos de Portalegre em que notara inclinação, foram a Inglaterra em viagem de estudo.

Nem só Portalegre, mas todo o Distrito lucrou imenso com a vinda da família Robison para o Alto-Alentejo, pois foi com o advento da sua indústria que a cortiça, até então quasi sem cotação, começou a subir de valor.

Fazemos votos pela boa fortuna dos últimos Robison de regresso a Inglaterra

não será fora de razão, admitir a sua personalidade artística, vamos lá, pelo menos em potência ou em-nente

(Continua) ROQUIM

**Mousinho da Silveira**  
(Conclusão)

obra, confirma-nos: — «A verdade, como lema de instituições políticas, entusiasma-o, entretanto; mas, para o seu espírito, não se traduzia nem se resumia no governo representativo. Representava antes uma possibilidade de reforma económica no sentido liberal, dando á palavra liberal o significado que tem na Economia Política».

Muito menos político de facção do que outros que o são pretendem insinuar, Mousinho da Silveira foi, sim, estadista oportuno e reformador necessário e indispensável, que não duvidou cooperar em governos não somente constituídos por liberais. Acima de quaisquer outras preocupações, ele punha o bem comum, que sempre procurou servir com manifesta abnegação.

Nascido neste burgo, nunca os trabalhos públicos foram causa de que o estadista se esquecesse do berço natal. Ao contrário, a ele vinha com frequência, e em jornadas trabalhosas, a cavallo, que desde a capital não levavam menos de oito dias. E em tal conceito de amável simplicidade tinha a sua qualidade de filho desta Terra, que um dia em que o Imperador, conversando com ele, ainda na ilha de S. Miguel, lhe dissera que não gostava de o ver sem condecorações, José Xavier lhe respondera: — «Deixe-me viver assim, Senhor, que eu sou homem de Castelo de Vide».

Os que aqui nascemos ou aqui vivemos e professamos o culto da Justiça de certo vamos comemorar, mesmo com simplicidade, o centenário de Mousinho da Silveira. E a celebração que realizarmos nesta Vila, com a Câmara Municipal a ela presidindo, desdobremo-la em romaria carinhosa á freguesia de Margem, onde os restos do grande homem e o seu monumento aguardam as nossas homenagens.

João António Gordo

**OBITUÁRIO**

**João António Subtil**

Em Lisboa faleceu ante-ontem o nosso amigo e conterrâneo Sr. João António Subtil, há muitos anos estabelecido naquela cidade com oficina de sapateiro e que durante muito tempo pertenceu a várias colectividades musicais da Capital.

Sentindo a triste notícia, enviamos á viúva do extinto e a seu filho os nossos sentimentos.

Todos devem assinar

«O Castelovidense»

**Festa do Papa**

Celebrou-se ontem em todo o mundo católico a festa da coroação do Papa Pio XII, há 10 anos reinante.

O Santo Padre pediu que esta festa e outras a ele respeitantes fossem celebradas no recolhimento e oração.

Assim se fez também em Castelo de Vide. Ontem á noite depois da Procissão das Velas rezou-se pelo Papa e pediu-se a Deus o livre dos seus inimigos.

No Seminário de Alcains e com a presença do nosso Senhor Bispo e da maior parte do clero celebrou-se O dia do Sacerdócio celebrando a festa do Papa e festejando os 50 anos de Sacerdócio do querido Reitor Mgr. João José Alvares de Moura.

**Passos e Semana Santa**

Como é do conhecimento de todos, voltaremos a fazer este ano, se Deus quiser, a Procissão dos Passos e as Cerimónias da Semana Santa.

E porque as despesas são muitas e grandes foram distribuídas circulares pedindo a caridade duma esmola.

E' de esperar que Castelo de Vide, que tanto gosto tem em assistir a estes actos religiosos, seja generosa e cubra todas as despesas.

Será feito apenas um pedidório pelos irmãos da Confraria das Almas.

Agradece-se pois que se lhes entregue ou se dê directamente ao Senhor Vigário aquilo que noutros anos se dava por duas vezes.

**CULTO RELIGIOSO**

A Santa Missa será esta semana todos os dias ás 9 na Matriz, menos na 2.ª feira que será ás 7 na Senhora da Luz e no Sabado ás 8 e ás 11.

O terço continua a fazer-se ás 9 da noite. Hoje será á mesma hora na Senhora da Luz, seguido duma pequena pregação.

Dia 19 é dia Santo de Guarda por ser dia de São José.

4.ª, 5.ª e 6.ª ás 2 horas será feita em Santa Maria a preparação da comunhão pascal das velhinhas.

E 5.ª, 6.ª e sábado ás 9 da noite será feita a preparação das raparigas para a sua desobriga colectiva a realizar no dia 20.

Na 6.ª feira á 9 horas faz-se a Via Sacra em Santa Maria.

6.ª feira é dia de abstinência e 4.ª, 6.ª e sábado dias de jejum para quem tem Bula e Indulto.

Para quem não tem são

**CORRESPONDENCIAS**

**PORTALEGRE**

DE LAMENTAR... — Mais uma quadra carnavalesca... que passou. Mais um motivo em que as idéias se turvam, dando-nos assunto para a meditação, para o estudo de um conceito analítico em que a vida se debate.

Passou a quadra do carnaval... e, quantos pensares sobre os seus efeitos? Quantas más idéias não perpassaram pelos cérebros?

Carnaval! Maldade humana que deixas vincada a peçonha e o vicio, elementos nesta altura aproveitados para a manobra macabra de uns tantos sentimentos que se albergam na alma... ansiosos da ocasião propicia e á espreita de sinais

**Notícias Pessoais**

**Aniversários**

Hoje—Men. António Xavier Raposo Salema; D. Berta Laranjo; Diamantino Rocha dos Santos; Men. João Rolo da Fonseca Barreiro.

Dia 16 — Men. Manuel Pinto Ferreira Canário; D. Maria Felizarda Mimoso Cardoso Carreteiro; Men. Francisco José Cardoso Carreteiro.

Dia 17 — Men. Ana dos Prazeres Alvarrão; Men. Alda Ribeiro da Luz; D. Antónia de Jesus Chenrim; Men. Maria de Lourdes Subtil.

Dia 18 — Diogo José Salema de Carvalho Cordeiro.

Dia 19 — António B. Mouro; Dr. José António Raposo Semedo.

**Doentes**

O nosso presado amigo e distinto colaborador artistico Sr. Dr. Adolfo Bugalho, que já há dias se encontra retido em casa, por doença, experimentou algumas melhoras.

Também o nosso amigo Sr. Pedro de Assunção Canário, gerente do Grémio da Lavoura desta Vila, se encontra enfermo desde ante-ontem.

Nas suas casas do Estoril e de Lisboa, respectivamente, continuam enfermos, mas felizmente registando melhoras, os nossos presados amigos e assistentes Srs. Mateus de Barros e Abel de Oliveira.

Fazemos votos pelas melhoras destes nossos amigos.

**Agradecimento**

Francisco de Alegria Afonso, sua Esposa e Filhos vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que lhes enviaram pesames quando do falecimento de seu irmão, cunhado e tio. António Afonso Alvarrão.

dias de abstinência 6.ª e Sábado e de jejum todos os dias menos no domingo.

Lembra-se mais uma vez a gravidade da lei do jejum que obriga em consciência.

convencionados.

...De lamentar, pois, este carnaval, esta fase da vida que se julga viver ou esquecer contrariedades.

«TE DEUM»—Realizou-se no dia 12, na Sé Catedral, solene «Te Deum», a comemorar a passagem do aniversário da coroação de Pio XII, cerimónia que decorreu com o habitual brilho liturgico e a que assistiram numerosas pessoas de todas as camadas sociais.

—DR. HENRIQUE PARREIRA—Esteve nesta cidade, em serviço oficial, o Sr. Dr. Henrique Parreira, ilustre Inspector Judiciário dos Tribunais do Trabalho.

A Sua Ex.ª os nossos cumprimentos.

—BISPO COADJUTOR—Não se encontra em Portalegre, durante o mês corrente, o Venerando Bispo Coadjutor, D. António Ferreira Gomes, em virtude de ir visitar os Seminários e igrejas da Diocese.

—CHUVA—Depois de um longo periodo de seca, começou finalmente a chover, facto que bastante alegrou pelos benefícios que vem ainda conceder.

Abençoada chuva!—P. C.

**POVOA E MEADAS**

PRAÇA DE TOUROS—Nesta tarefa ingloria que nos impusemos voluntariamente, de ir anotando tudo que possa influir no desenvolvimento material, moral e social da Póvoa, não podemos esquecer este problema da construção de um recinto vedado, e que, por bairrismo, chamar-se-ia praça de touros, cuja falta, tanto se faz sentir na economia local.

Embora não sejamos um apaixonado deste género de espectáculos, prometemos empregar todos os esforços, e a melhor boa vontade em conseguir que a nossa terra seja dotada com mais este melhoramento.

E, nem só de pão vive o homem, temos que reconhecer, a necessidade e urgência da construção da praça de touros

Mesmo sem a nossa presença e entusiasmo, as touradas em Póvoa e Meadas, são verdadeiro espectáculo popular, por excelência.

Além da grande alegria que mostra no rosto, nas atitudes e na indumentária dos meus patrícos, velhos e crianças, as touradas, sem os incidentes fatídicos, mais ou menos desagradáveis, a que dão origem são o unico espectáculo que entusiasma e apaixona os povos das terras fronteiriças, especialmente.

Uma praça de touros, entre nós, deve ainda contribuir para um maior estreitamento das relações comerciais e sociais, com os nossos visinhos dos povos limítrofes, particularmente com os da sede do Concelho, em que existe um grande número de aficionados da festa brava.

Julgamos ter cumprido o

nosso dever de bairrista, falando em um assunto que a todos interessa, geralmente e, a que muito convém dar uma solução rápida.

Aguardemos, o que vai seguir-se, embora sabendo pela experiência de muitos anos que os meus patrícos se não entusiasмам facilmente, ainda que se trate de iniciativas com futuro mais ou menos garantido.

É triste confessá-lo mas, temos de reconhecer que o seu comodismo é superior a quanto se possa imaginar.

Mudemos de rumo, que ainda estamos a tempo de conseguir muito do que nos falta e, unidos todos, ricos e pobres, com o auxilio da Junta de Freguesia e Casa do Povo, trabalhemos, desinteressadamente e com a melhor boa vontade, pela realização das nossas mais instantes aspirações.

CRISE DE TRABALHO—Infelizmente, na Póvoa, contam-se algumas dezenas de trabalhadores rurais, sem ter onde empregar a sua actividade e adquirir os meios de sustentar-se á mulher e filhos. Chamamos a atenção do sr. Presidente da Câmara para tão momentoso assunto, e confiamos que, em colaboração com o Ex.º Governador Civil, tudo se há-de remediar pelo melhor.

NOTICIAS—Seguiram para Lisboa o eng. sr. José Custódio Nunes, Dr. Virgílio Godinho Nunes, esposa e filhas; D. Henriqueta Fragoso e José Reis Fragoso; e para Safára, o sr. alferes Manuel António Marques.

—Regressou da sua vilegiatura, através da Espanha a sra. D. Maria Mendes Gordo.—D.F.

**MARVÃO**

Faleceu ontem nesta vila o sr. Euzébio Olivença, de 74 anos de idade, natural de Castelo de Vide e residente neste concelho, onde era proprietário, há já longos anos, tendo a profissão de carpinteiro.

Era pai dos senhores, Filipe Olivença, funcionário da alfândega, na Beirã, D. Maria José Olivença Santos, casada com o sr. João dos Santos, Policia de Emigração, D. Catarina Oliveira Ramos e Francisco Olivença, e sogro das sras. D. Inaz Ventura Olivença e D. Vicência Barata Olivença, deixando ainda oito netos.

Era irmão dos senhores Filipe, Venancio e Emilia Olivença.

O seu funeral que teve lugar hoje para o cemitério desvila, foi muito acompanhado, por pessoas de todas as categorias deste concelho e de Castelo de Vide.

Enviamos pêsames.

**SOBREIROS**

Vendem-se cerca de 200 em Póvoa e Meadas. Trata Adriano Godinho — em Castelo Branco.

«O CASTELOVIDENSE» foi visado pelo Censor do Distrito de Portalegre.